

O Impacto da Cultura Woke na Sociedade Contemporânea

 Daniela Ribeiro

dadori2001@gmail.com

<https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0009-2361-8464>

ISCAP, Instituto Politécnico do Porto

P.PORTO
ISCAP

R
e
v
.

Resumo:

A cultura woke é o novo movimento progressista que surgiu como uma revolução em prol dos direitos humanos e defesa das minorias. Até que ponto esta necessidade de ter uma posição extremista sobre os mais variados assuntos não se torna um entrave à criatividade e originalidade das pessoas e organizações?

Neste artigo irei falar sobre o impacto do movimento woke na sociedade, passarei a analisar os pontos positivos e negativos desta cultura, remetendo a opiniões de autores e artigos de opinião escritos para os mais diversos meios de comunicação. Ao longo de todo o artigo deixarei explícita a minha opinião sobre os factos. Por fim, irei terminar com uma conclusão geral sobre o tema.

Palavras-Chave: Woke, cancelamento, redes sociais, liberdade, censura, minorias.

Abstract:

The woke culture is the new progressive movement that has emerged as a revolution in favor of human rights and the defense of minorities. To what extent this need to have an extremist position on the most varied subjects does not become an obstacle to the creativity and originality of people and organizations?

In this article I will speak about the impact of the woke movement in society, I will analyze the positive and negative points of this culture, referring to the opinions of authors and opinion articles written for the most diverse media. Throughout the article I will leave explicit my opinion about the facts. Finally, I will end with a general conclusion about the subject.

Keywords: Woke, cancellation, social media, freedom, censorship, minorities.

A expansão do mundo digital deixa-nos cada vez mais expostos a comentários e opiniões de outrem. Com as redes sociais, crises sociais e políticas, foram surgindo diferentes opiniões sobre os mais variados assuntos. A cultura woke baseia-se numa conduta de defesa dos direitos humanos, porém divide opiniões. Estamos perante um movimento inclusivo? Ou estamos perante censura mascarada de inclusão?

O que é a cultura woke? Onde surgiu?

“Woke” é um termo político, de origem afro-americana que se baseia na percepção e consciência relativamente a questões de justiça social e racial. Estamos a falar de um movimento progressista. Ativistas encaram-no como crucial na defesa dos direitos humanos, visto que o termo significa “estar acordado para as injustiças sociais”, mas as opiniões dividem-se. Uma das principais características desta cultura é a extrema sensibilidade à ofensa. O movimento limita a liberdade de expressão pela qual lutamos durante anos consecutivos, o termo é muitas vezes relacionado a pessoas hipócritas que se declaram moralmente superiores e que pretendem impor as suas ideias aos outros sem propriamente valorizarem a mudança. O termo surgiu, pela primeira vez em 1860 nos Estados Unidos, durante a eleição presidencial em apoio a Abraham Lincoln mas a política tem vindo a ganhar força ao longo dos anos, principalmente na última década durante o movimento “Black Lives Matter” criado para denunciar a brutalidade policial contra pessoas negras. Uma obra muito citada na crítica a esta cultura é o romance escrito por George Orwell, denominado “1984”, no qual é denotada a censura vivida pela sociedade. Diversos artigos de opinião referem-se à cultura “woke” como um termo que traz de volta essa mesma censura, referindo até que o próprio autor previu o que iríamos estar a viver atualmente através dessa mesma obra. Ativistas dizem que ser contra esta cultura significa apoiar políticos conservadores de direita que se aproveitam da revolta das pessoas contra este tipo de prática para darem voz às suas políticas doentias e conservadoras.

A cultura woke na sociedade contemporânea:

A música da Ermelinda Duarte, «A Gaivota Voava Voava», simboliza a liberdade conquistada após a queda do Estado Novo e, conseqüentemente, o fim da censura. Camões um dia disse, «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades», mas a verdade é «Que não se muda já como soía», Quero com isto dizer que já nem a própria mudança é igual. Como referi anteriormente, com o acesso às novas tecnologias de comunicação e informação, torna-se fácil controlar, censurar e julgar o outro.

Na minha opinião, a cultura *woke* «mata» a beleza da vida e formata a maneira de pensar e de se comportar dos indivíduos. Um mundo homogéneo não tem o mesmo encanto do que um mundo heterogéneo. Considero mesmo que, atualmente, são poucos os que ousam ser autênticos, porque é preciso coragem para o ser.

Não me parece justo nem possível tornar os indivíduos iguais, quando todos têm características distintas e curvas de vida únicas e diferentes. Creio que é graças à riqueza da diversidade que o mundo evolui e avança.

Ser adulto tem muito que se lhe diga, porque enquanto se é criança não existe nenhuma preocupação com aquilo que os outros possam pensar e, por isso, a criança é ela mesma, sem filtros e sem medos. Aliás, os mais pequenos são criativos e

autênticos na hora de brincar, porque não têm medo de sonhar e imaginar. No entanto, desde cedo lhes é inculcado o cuidado com as palavras, o politicamente correto. Com isto, não quero dizer que não devemos ter filtros ao longo de toda a nossa vida ou dizer “o que nos apetece” e sim que devemos saber que temos direito à nossa própria opinião e que não há barreiras à criatividade.

Assim sendo, sinto a necessidade de colocar neste meu artigo um poema de Alberto Caeiro, um dos heterónimos de Fernando Pessoa porque, de facto, não é necessário estar constantemente acordado à procura que o outro diga alguma coisa que possa ser julgada; é sim urgente manter as pessoas acordadas para serem capazes de olhar para as coisas como se fosse a primeira vez que as estivessem a ver, sem qualquer ideia pré-concebida. Por isso, passo a citar, «Procuro despir-me do que aprendi / Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram, / E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos, / Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras, / Desembrulhar-me e ser eu...».

Sem dúvida alguma, a cultura *woke* está muito presente na sociedade contemporânea. Na minha opinião pode ser tão perigosa como um regime ditatorial. As pessoas já não são elas mesmas, mas sim aquilo que a sociedade exige que elas sejam. Os indivíduos têm medo de expressar o que sentem e o que pensam, porque sabem que podem ser mal interpretados. Infelizmente, e como consequência de tudo o que referi acima, a hipocrisia ganha cada vez mais espaço na nossa sociedade, porque dizemos uma coisa, mas fazemos exatamente o contrário e, realmente, o ditado é antigo, mas é certo, «Olha para o que eu digo, não olhes para o que eu faço».

O impacto da cultura *woke* no dia-a-dia das empresas:

Hoje em dia estamos todos interligados através das redes sociais, esta possibilidade de contacto acarreta muitas vantagens mas também muitas consequências. A possibilidade de sermos “cancelados” torna-nos vulneráveis e pouco disponíveis a partilhar a nossa opinião sincera sobre os mais variados assuntos. O mesmo ocorre no meio empresarial, a cultura *woke* e a cultura do cancelamento têm um impacto muito grande na comunicação das empresas. A eventualidade de serem rotuladas pela sociedade como “racistas, misóginas, machistas, etc.” faz com que as empresas tenham a sua criatividade reprimida e se cinjam ao politicamente correto.

Esta realidade torna-se muito perceptível quando falamos de campanhas publicitárias. A forma, como as marcas comunicam os seus produtos/serviços ao público são previamente censuradas pela organização de modo a não transmitirem nenhuma mensagem errada ou com duplo sentido.

Não é errada a censura de mensagens com duplo significado, se estas submeterem a temas moralmente condenáveis. Utilizo como exemplo o recente caso da Balenciaga, na qual a campanha publicitária publicada pela marca para apresentar a sua nova coleção remetia à pornografia infantil. A censura e crítica, nesta situação é extremamente necessária; na minha opinião não havia forma mais sensata de abordar o assunto, porém o ato de censurar nem sempre é justificável ou necessário. A condenação incontrolável dos meios digitais e do público limita a criatividade e acaba por se tornar numa censura à liberdade de expressão. Nas empresas o cancelamento pode gerar consequências irreparáveis para a carreira dos afetados e para o lucro das mesmas. Os cancelados podem perder contratos, parcerias, envolvimento e podem

sair muito afetados com a situação. O cancelamento afeta muito a venda das empresas e a forma como esta é compreendida pela sociedade.

O movimento *woke* leva, muitas vezes à censura de muitos trabalhos universitários, publicitários e criativos. O medo da repercussão da opinião e das críticas provenientes da mesma criam uma sensação de insegurança e medo perante a possível interpretação errada de terceiros.

Qualquer ideia que não esteja nesta nova consciência moral não entra na categoria de ideias aceitáveis e, por isso, são automaticamente consideradas ideias radicalmente imorais.

Um exemplo de alguém que tem de ter muito cuidado com a cultura do cancelamento são os influenciadores digitais.

Quando cancelados, os influenciadores digitais correm o risco de perder totalmente a credibilidade, perdem parcerias, são muito criticados e caso não justifiquem o mal-entendido de forma eficaz arriscam-se a sofrer muitas críticas por parte do público. Quando criticados, as marcas procuram desassociar-se automaticamente dessa personalidade, para não correrem o risco de serem associadas a práticas menos éticas. O medo da queda das vendas e destruição da reputação de uma empresa faz com que nestes casos as marcas procurem logo distanciar-se destas personalidades. O inverso também acontece, como foi o caso da prozis. Após as declarações polémicas do CEO da empresa houve inúmeros influenciadores a desconectarem-se com a marca e não compactuar com aquelas opiniões, temendo o impacto que as mesmas teriam na sua reputação.

O movimento *woke* afeta a comunicação das empresas na medida em que todas estão em risco de criar uma campanha ou ter um posicionamento possivelmente criticável. As produções têm de ser cada vez mais operacionalizadas e controladas porque torna-se muito fácil ferir suscetibilidades e ser vítima de críticas na internet.

O aumento exponencial de utilizadores digitais faz com que as opiniões sobre os mais diversos assuntos triplique e se torne mais facilmente proliferada pelos meios sociais.

Conseguimos observar, hoje em dia, uma necessidade extrema por parte das empresas de se posicionarem relativamente a fatores raciais e de apoio às minorias. Considero que esta atitude é extremamente necessária para a nossa sociedade, mas é preciso que de facto sejam praticadas as atitudes que são promovidas. Muitas empresas posicionam-se a favor dos direitos humanos, porém no seu ambiente de trabalho promovem os maus tratos e a desigualdade. Muitas empresas posicionam-se a favor das minorias, porém no momento de contratar trabalhadores preferem aqueles que se encontram no padrão social, ainda que sejam menos qualificados. A cultura *woke* e a cultura do cancelamento são impulsionadoras de atitudes hipócritas de cariz social. O facto de as empresas serem enaltecidas por publicidades de inclusão, mesmo que não a promovam dentro de quatro paredes já é o suficiente. Isto faz da nossa sociedade um lugar falso e hipócrita.

O impacto woke na cultura:

Segundo o estudante de Direito “João Perestrello”, num artigo escrito para o Observador, este refere-se ao movimento *woke* como algo que “mata a cultura”. No artigo de opinião, o autor relembra uma situação ocorrida durante a interpretação da

peça: “*Tudo sobre a minha mãe*”, no Teatro São Luiz, na qual uma ativista interrompe o teatro para alegar “falta de representatividade”, pelo facto de uma personagem transexual não ser representada por uma pessoa transexual. O autor do artigo de opinião diz-se defensor das minorias, porém revela que jamais será a favor da violação da liberdade criativa, demonstrando assim o seu descontentamento e desconforto perante a atitude da militante.

Quero também acrescentar que as obras de Afonso Reis Cabral foram «barradas» nos Estados Unidos da América, porque escreveu sobre uma mulher transexual. Porque é que um escritor não pode escrever sobre uma mulher transexual? Parece-me que estamos perante um movimento extremamente sensível e que se apoia na censura.

É urgente permitir e garantir que as pessoas e as empresas tenham espaço para partilhar e expressar o que sentem, mas é igualmente importante criar um espaço seguro e livre de julgamentos.

Somos pessoas e lidamos com pessoas, por isso existe uma coisa que jamais pode ser esquecida que é a empatia. Cada um de nós tem a responsabilidade de compreender o outro, porque quando o problema não é nosso a solução é sempre muito fácil e rápida.

É importante estabelecer contacto com opiniões divergentes, porque também são estas opiniões que nos permitem crescer enquanto pessoas, desenvolver o espírito crítico e perceber o que desejamos ou o que não desejamos para nós.

Na minha opinião, atualmente, existe uma ditadura das redes sociais, pois as pessoas deixaram de ser autênticas, porque têm medo do julgamento da sociedade. Considero que tanto nos meios digitais como na vida real, os indivíduos têm receio de se expressarem, visto que são facilmente rotulados. Entretanto, as pessoas também parecem esquecer o peso e o impacto que as palavras podem ter na vida dos outros e, por isso, antes de serem usadas devem ser medidas para não causarem estragos.

A redação deste artigo fez-me refletir sobre o quão difícil deve ser para os humoristas fazerem o trabalho deles, porque «roubaram-lhes» a criatividade, a originalidade e a imaginação. A cultura *woke* não é amiga nem aliada da cultura e da arte, mas sim um grande obstáculo. Se tudo aquilo que se diz e se faz é mal interpretado então ousar dizer que o mundo se está a tornar um lugar muito perigoso e desinteressante.

O lado positivo da cultura *woke*:

Durante a minha intensiva pesquisa sobre o tema, apurei que não existem muitos artigos que enalteçam pontos positivos desta cultura. Apesar disso, acredito que alguns pontos positivos podem ser valorizados. A cultura *woke* defende as minorias, é uma iniciativa que está constantemente em cima do acontecimento e pronta para se fazer ouvir em caso de injustiças sociais. A imposição desta cultura revela a capacidade de argumentação da nova geração, o facto de se questionarem sobre o que consideram errado, não aceitam sem contrapor tudo o que é dito.

Conclusão:

Concluindo, a cultura woke é um movimento que divide muitas opiniões. Conseguimos sentir intensamente o impacto da mesma na nossa sociedade e no nosso dia-a-dia. Considero que este movimento seria extremamente importante para a sociedade se fosse constituído por ideias moderadas e com o intuito de promover a igualdade, não de impor a opinião dos ativistas acima de qualquer outra. É cada vez mais incoerente o mundo em que vivemos, lutamos muito pela igualdade e liberdade de expressão mas tentamos “tapar a boca” do outro com o nosso posicionamento, isto é grave e devia ser modificado. Hoje em dia todos os comentários têm de ser previamente sentenciados por nós, de modo a não correremos o risco de sofrermos críticas. Vemo-nos encurralados no pensamento “O que os outros vão achar disto?”. O mesmo acontece com as empresas e espetáculos culturais, porém em maior escala, o cuidado excessivo com as palavras, no meu ponto de vista rouba-nos algo muito importante, a autenticidade. O equilíbrio e a empatia pelo próximo deve sempre ser o propósito que nos move, se assim fosse o mundo estaria em muito melhores mãos.

Referências:

Camões, Luís. (2005). Rimas. Almedina.

Pessoa, F. O Guardador de Rebanhos, In Poemas de Alberto Caeiro. Lisboa: Ática. 1946 (10ª ed.1993). p. 48

Miguel Esteves Cardoso (2023). O antiwokismo primário. Obtido em maio de 2023, de Público

<https://www.publico.pt/2023/04/18/opiniao/opiniao/antiwokismo-primario-2046402>

A agitação da quimera do “wokismo” ou o impedimento do debate. (2021). Esquerda. Obtido em abril de 2023, de ESQUERDA

<https://www.esquerda.net/artigo/agitacao-da-quimera-do-wokismo-ou-o-impedimento-do-debate/78198>

Alves, R. P. (2021). Os miúdos mimados pela abundância. ECO. Obtido em abril de 2023, de SAPO

<https://eco.sapo.pt/opiniao/os-miudos-mimados-pela-abundancia/>

Perestrello, J. (2023). A cultura woke mata a Cultura. Observador. Obtido em abril de 2023, de Observador

<https://observador.pt/opiniao/a-cultura-woke-mata-a-cultura/>

Santos, J. A. (2022). Movimento woke: «Antes todos tinham os 15 minutos de fama, hoje todos têm 15 minutos de humilhação nas redes sociais». Visão. Obtido em abril de 2023, de SAPO

<https://visao.sapo.pt/visao-fest/2022-10-23-movimento-wokeantes-todos-tinham-os-15-minutos-de-fama-hoje-todos-tem-15-minutos-de-humilhacao-nas-redes-sociais/>

Tavares, J. M. (2022). João Miguel Tavares: O wokismo é uma beatice insuportável, são os novos beatos. Jornal de negócios. Obtido em abril de 2023, de negocios

<https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/joao-miguel-tavares-o-wokismo-e-uma-beatice-insuportavel-sao-os-novos-beatos>